Roteiro de leitura:
CONTO “LEITURA”, DA OBRA *INFÂNCIA* DE GRACILIANO RAMOS

Trecho I

LEITURA

Achava-me empoleirado no balcão, abrindo caixas e pacotes, examinando as miudezas da prateleira. Meu pai, de bom humor, apontava-me objetos singulares e explicava o préstimo deles.
Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitada por três faixas verticais, borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros. Tive a ideia infeliz de abrir um desses folhetos, percorri as páginas amarelas, de papel ordinário. Meu pai tentou avivar-me a curiosidade valorizando com energia as linhas mal impressas, falhadas, antipáticas. Afirmou que as pessoas familiarizadas com elas dispunham de armas terríveis. Isto me pareceu absurdo: os traços insignificantes não tinham feição perigosa de armas. Ouvi os louvores, incrédulo. Aí meu pai me perguntou se eu não desejava inteirar-me daquelas maravilhas, tornar-me um sujeito sabido como Padre João Inácio e o advogado Bento Américo (2008, p. 89)

1. Quem narra os fatos do conto? Quantos anos parece ter? Que elementos do texto permitem afirmar isso?

- L. E.: Espera-se que os alunos sejam capazes de perceber que quem narra os fatos é Graciliano Ramos, ainda pequeno, ou ainda: é o Graciliano Ramos dando voz ao menino que foi um dia. Elementos como estar “empoleirado no balcão”, e mesmo a curiosidade típica da criança (abrindo pacotes e mexendo em tudo, enquanto o pai explicava para que servia cada coisa) são pistas que nos levam a essa conclusão.

2. Que outro personagem aparece? Onde os fatos acontecem?

- L. E.: Espera-se que os alunos percebam que o outro personagem presente na cena é o pai e provavelmente os fatos acontecem num estabelecimento comercial de sua propriedade, já que ele tem autonomia para abrir as caixas, mexer nos pacotes e mostrar tudo ao menino, até mesmo os “cadernos”, que possivelmente são cadernos de registro, anotações do próprio

estabelecimento, são manuseados pelo menino. Além disso, o pai tem liberdade de levar o filho e deixá-lo, inclusive, “empoleirar no balcão”.

- L. C.: Nesse trecho, ainda que não fique explícita a natureza do comércio do pai, a ausência dessa informação não compromete o entendimento, já que o foco são as memórias do pequeno Graciliano, que também não deveria saber o tipo de comércio do pai; não informando, Graciliano narrador situa os leitores na mesma dimensão do olhar de descoberta do menino, à época dos acontecimentos, de modo que “voltamos ao passado” com o narrador.

3. O narrador-personagem afirma: “Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitada por três faixas verticais, borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros. Tive a ideia infeliz de abrir um desses folhetos, percorri as páginas amarelas, de papel ordinário” (2008, p. 89). Vamos imaginar como ele viu esses cadernos. Ele chamou essas faixas de borrões, de nódoas. O que são borrões? E nódoas?

- L. E.: Borrões e nódoas nesse caso são as palavras gravadas ou escritas na capa dos cadernos que ainda eram indecifráveis para o menino, ou seja, verdadeiros borrões para ele, que as compara aos “borrões e nódoas” presentes nos jornais e revistas, enfim, a palavra escrita que ainda era um mistério para o menino Graciliano.
- L. C.: Se o professor julgar necessário, pode fazer um desenho no quadro para facilitar o entendimento
- L. I. 1 –

4. Para o pai, familiarizar-se com as linhas seria armar-se, sendo elas (as armas) terríveis. O que seria familiarizar-se com as linhas? Por que essa familiaridade com as linhas representaria uma arma terrível?

- L. E.: Familiarizar-se com as letras era aprender a ler, decodificar os sinais que ainda eram, para ele, só “borrões”, “nódoas” no papel.
- L. C.: Importante o professor discutir com os alunos quando usamos armas; perguntar se acham importante ter uma arma. Como meus alunos vivem em regiões de grande vulnerabilidade social, cujo embate entre gangues rivais é comum e onde armas são vendidas facilmente e representam “poder” e proteção, essa questão foi muito explorada. Segundo eles, nos bairros onde vivem, a polícia não os protege por achar que “no morro todo mundo é bandido” (linguagem deles). Explorei com eles a imagem pretendida pelo texto: ter uma arma oferece proteção contra eventuais ataques e permite avançar, com segurança. Desse modo, quando o pai diz ao menino que saber ler é ter uma arma terrível, está dizendo, através dessa imagem, que o menino estaria protegido dos males do mundo e preparado para enfrentá-lo, ou seja, a leitura abriria portas e facilitaria sua vida. Fazendo uma observação pertinente e condizente com a metáfora, segundo uma aluna, ter uma arma pode ser muito perigoso também porque “você pode se meter em confusão”. Perguntei-lhes se o aprendizado da leitura e da escrita também poderia expor as pessoas a situações arriscadas: um aluno disse que, se for escrita uma mentira no jornal ou se for exposta uma ofensa a alguém importante,

nas redes sociais, a pessoa responsável pode ser processada. Outro aluno ponderou que, se for identificada a letra do responsável em algum material ligado ao crime (agenda, bilhete, etc.), isso poderia servir de prova. Disse-lhes que, de fato, a leitura e a escrita são armas poderosas que podem ser usadas para ajudar, abrir portas, mas que também podem expor uma pessoa ao perigo. Perguntei-lhes qual seria a intenção do pai ao usar essa imagem para convencer o filho a querer aprender a ler: ter mais acesso às coisas do mundo ou colocar o menino em situações perigosas? Todos perceberam que o pai, como queria convencê-lo, estava focado nos benefícios desse aprendizado.

Trecho II

Respondi que não. Padre João Inácio me fazia medo, e o advogado Bento Américo, notável na opinião do júri, residia longe da vila e não me interessava. Meu pai insistiu em considerar esses dois homens como padrões e relacionou-os com as cartilhas da prateleira. Largou pela segunda vez a interrogação pérfida. Não me sentia propenso a adivinhar os sinais pretos do papel amarelo? Foi assim que se exprimiu o Tentador, humanizado, naquela manhã funesta. A consulta me surpreendeu. Em geral não indagavam se qualquer coisa era do meu agrado: havia obrigações, e tinha de submeter-me. A liberdade que me ofereciam de repente, o direito de optar, insinuou-me vaga desconfiança. Que estaria para acontecer? Mas a pergunta risonha levou-me a adotar procedimento oposto à minha tendência. Receei mostrar-me descortês e obtuso, recair na sujeição habitual. Deixei-me persuadir, sem nenhum entusiasmo, esperando que os garranchos do papel me dessem as qualidades necessárias para livrar-me de pequenos deveres e pequenos castigos (2008, pp. 89-90).

5. Quando o pai pergunta se ele desejava inteirar-se “daquelas maravilhas” e tornar-se “um sujeito sabido como Padre Inácio e o advogado Bento Américo”, o que de fato ele está propondo?

- L. E.: O pai na verdade estava propondo ao menino que ele aprendesse a ler e escrever usando como modelo pessoas letradas, como o Padre Inácio e o advogado José, tentando, com esses dois exemplos, convencer o menino da importância e do *status* que esse aprendizado traria.
- L. C.: Perguntei aos alunos se tinham alguém que dominasse a leitura e a escrita, sendo-lhes uma referência, ou seja, se havia algum “sujeito sabido” a quem admiravam e em quem se espelhavam. Só um aluno falou da sua admiração a um pastor que sabia, segundo ele, “tudo” da Bíblia. Os demais não confirmaram a presença de alguém em quem se espelhar. Como já foi afirmado, trata-se de um dado relevante no trabalho de letramento literário, nas escolas públicas, onde grande parte dos alunos é oriunda geral das classes socialmente desfavorecidas e que, por questões sócio-histórico-econômicas, não têm acesso a diversificados suportes de leitura, principalmente a literária. Nesse sentido, a escola torna-se, para a grande maioria dos alunos, o único contato com o universo literário.

6. O menino recusa. O que ele pensa do Padre e do advogado usados como exemplo para o argumento do pai?

- L. E.: Segundo o próprio texto, o Padre metia-lhe medo; o advogado morava longe e era totalmente desinteressante aos olhos do menino.

7. O pai insiste? Como ele age com o menino?

- L. E.: O pai não só insiste, como também reforça a importância do Padre e do advogado, relacionando o destaque social que eles têm por conhecerem as cartilhas da prateleira.

8. O menino não acha natural a atitude do pai. Que trechos demonstram essa percepção do menino a respeito da atitude do pai?

- L. E.: Ele estranha a atitude do pai porque nunca era consultado para nada e, de repente, aquela insistência cheia de perguntas pareceu-lhe traiçoeira. Nas palavras do menino: nunca lhe perguntavam se algo era do seu "agrado", e ele tinha sempre de submeter-se a todas as obrigações.
- L. C.: Ao serem indagados se eles também moldam a atitude e a fala quando querem convencer alguém a fazer algo, como modo de convencimento, foram unânimes: em casa era a mesma coisa – os pais e irmãos, quando desejam algo, ficam mais "bonzinhos", "a voz fica mais suave"; outros destacaram que, quando os pais ou irmãos têm algum interesse, ficam agradando bastante antes de propor o que desejam ou de pedir algum favor. Destaco aqui o importante papel do professor em trazer das vivências dos alunos uma gama de emoções e situações que dialoguem com o texto e o torne "vivo" para os alunos.

9. O menino pensa: "O direito de optar, insinuou-me vaga desconfiança. Que estaria para acontecer?" (2008, p. 90). Qual a expectativa do menino quanto ao que vai acontecer, caso aceite?

- L. E.: O menino ficou receoso quanto ao que lhe pode acontecer caso aceitasse. Quando ele questiona "O que estaria para acontecer?", fica explícito que ele não está seguro do que lhe vai acontecer. Tudo parece incerto e, como nunca lhe davam opção de escolha, imaginou que não seria algo bom.

10. Se ele pensa que não vai dar certo, por que aceita?

- L. E.: Embora receoso de que não daria certo, ele aceita a fim de não parecer rebelde. Prefere submeter-se, como sempre fazia ("sujeição habitual"), consolando-se com a ideia de que, se tivesse alguma das qualidades do padre ou do advogado, poderia livrar-se de pequenas

obrigações e castigos.

- L. C.: Nesse ponto das discussões, alguns relataram que nunca fazem o que os pais mandam, “não querem nem saber”; mas a maioria concordou com o menino e disse que também não questionam quando é a mãe, o pai ou a vó que pedem alguma coisa ou orienta a fazer algo, ou seja, obedecem sobretudo para não serem castigados ou não perderem os benefícios que os pais oferecem. Poucos falaram que obedeceriam por respeito e confiança. Destacaram ainda que sempre a proposta parece boa, mas é algo muito difícil de realizar: os pais ou a avó pedem com “voz mansinha” porque vai dar um “trabalhão”.

11. O que vocês pensam que vai acontecer depois?

- L. E.: Embora a resposta seja livre, por tratar-se de um momento em que os alunos vão gerar hipóteses sobre a sequência do texto a qual desconhecem, o fio condutor para isso precisa estar articulado com elementos textuais até agora conhecidos.
- L. C.: Embora a questão permita uma resposta subjetiva, com uma vasta gama de probabilidades, é preciso alertar o aluno para algumas pistas: “Leitura” é o título do conto do livro autobiográfico *Infância*: os fatos narrados têm compromisso com o real, e as previsões devem estar relacionadas com infância e leitura (já que esse é o campo semântico para as previsões). É importante o professor deixar que os alunos façam suas previsões, as quais, na minha turma, foram todas baseadas nas vivências deles: “ele vai ter que ficar fazendo cópias até a mão doer”, “ele vai para a escola”, “o pai vai bater nele se ele não quiser ir para a escola”, “ele vai ficar chorando para não ir”, etc.

Trecho III

Decidi-me. E a aprendizagem começou ali mesmo, com a indicação de cinco letras já conhecidas de nome, as que a moça, anos antes, na escola rural, balbuciava junto ao mestre barbado. Admirei-me. Esquisito aparecerem, logo no princípio do caderno, sílabas pronunciadas em lugar distante, por pessoa estranha. Não haveria engano? Meu pai asseverou que as letras eram realmente batizadas daquele jeito. No dia seguinte surgiram outras, depois outras – e iniciou-se a escravidão imposta ardilosamente. Condenaram-me à tarefa odiosa, e como não me era possível realizá-la convenientemente, as horas se dobravam, todo o tempo se consumia nela. Agora eu não tocava nos pacotes de ferragens e miudezas, não me absorvia nas estampas das peças de chita: ficava sentado num caixão, sem pensamento, a carta sobre os joelhos. Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou – e o resultado foi um desastre (2008, p. 90).

12. Vejam que o menino se decidiu por aceitar a proposta do pai. O que intriga o menino nas primeiras aulas?

- L. E.: O menino fica intrigado com o fato das primeiras cinco letras que lhe foram apresentadas na aula inicial serem as mesmas que a irmã havia aprendido com outro professor em outro tempo e espaço. Trata-se, sem dúvida, das vogais.

13. Quando aceitou, ele imaginava que a nova tarefa o "libertaria de pequenos deveres e castigos". Isso acontece de fato? Como era sua rotina depois dessa "nova tarefa"?

- L. E.: Sua expectativa inicial de maior liberdade não só não acontece como ele passa a ter menos tempo livre. A "nova tarefa", odiosa para ele, consumia-lhe as horas numa "escravidão imposta ardilosamente".
- L. C.: Importante dar espaço aos alunos para contarem como passou a ser a vida deles depois que começaram a aprender a ler. Alguns alunos disseram que, quando estavam no "Prezinho", era só alegria: massinha, tinta, parquinho, cantar musiquinhas da escolinha, ouvir histórias, brincar, mas depois que foram para a primeira série, ficou muito "chato". Disseram que havia muito dever de casa, a professora "passou a ser muito brava", tinha que ficar "copiando". Essa reflexão evidencia também o quanto a escola, muitas vezes, torna-se um lugar triste e odioso para os alunos. Todos foram unânimes em dizer que o melhor da escola era "encontrar os amigos", sendo o resto muito chato. Concordam com o menino do conto: a escola não liberta, mas torna-se uma escravidão. Ao afirmarem isso, perguntei-lhes porque continuavam estudando, e obtive as seguintes respostas: "porque sou obrigado"; "para arrumar um emprego"; "porque não tem outro jeito"; "eu queria parar de estudar"; "para ser alguém na vida". Quando duas alunas afirmaram o desejo de continuar estudando, fazer uma faculdade (direito e veterinária), aproveitei para explorar mais a imagem usada pelo menino ao comparar a nova tarefa de ficar escrevendo – copiando as letras – com uma "escravidão": perguntei-lhes sobre o que era "ser escravo". Eles responderam que era ser obrigado a trabalhar de graça sem poder parar, ser humilhado, sofrer castigos; outros fizeram referência à escravização dos africanos no Brasil e como eram cruelmente tratados. A turma tem praticamente 90% de alunos afrodescendentes, e, nesse ponto da discussão, alguns pontuaram: "se fosse naquela época você também seria escravo...". Diante dessa colocação, num riso nervoso, diziam expressões como: "era tenso". É importante que lhes seja dado esse espaço para explorarem os sentidos das palavras que, no texto literário, ganham significativa força expressiva, sendo-lhes fundamental a exploração desses sentidos, dessa força das palavras e da relação que têm com suas vivências para que, nesse encontro com o texto, passem a refletir sobre ele e sua própria vida. Retomei a fala, perguntando-lhes como esse menino (que imaginava libertar-se de castigos, mas via-se "escravo" de tarefas que lhe pareciam sem sentido) estaria sentindo-se. Todos concordaram que ele deveria estar triste, sentindo-se preso.

14. O menino se diz "condenado" à nova tarefa. Como ele percebia a passagem do tempo na realização dessa nova tarefa?

- L. E.: A sensação do menino era de que "as horas se dobravam" e para ele todo o tempo era gasto na nova tarefa.

15. Como vocês viram, o ensino não acontecia de modo natural, e o menino relata que o resultado foi um desastre. O que vocês pensam que pode ter sido esse desastre?

- L. E.: Deixar que os alunos expressem suas hipóteses livremente.
- L. C.: Como o menino relata que o pai não tinha vocação para o ensino e usa a palavra "desastre" para o que se sucede à sua resistência, espera-se que os alunos percebam que o "desastre" seriam os castigos.

Trecho IV

Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas — e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos. Minha mãe e minha irmã natural me protegeram: arredaram-me da loja e, na prensa do copiar, forneceram-me as noções indispensáveis. Arrastava-me, desanimado. O folheto se puía e esfarelava, embebia-se de suor, e eu o esfregava para abreviar o extermínio. Isso de nada servia. Chegava outro folheto — e as linhas gordas e safadas, os três borrões verticais, davam-me engulhos. Que fazer? A lembrança do côvado me arregalava os olhos. Mas ia-me pouco a pouco entorpecendo, a cabeça inclinava-se, os braços esmoreciam — e, entre bocejos e cochilos, gemia a cantiga fastidiosa que Mocinha sussurrava junto a mim. Queria agitar-me e despertar. O sono era forte, enjoo enorme tapava-me os ouvidos, prendia-me a fala. E as coisas em redor mergulhavam na escuridão, as ideias se imobilizavam. De fato, eu compreendia, ronceiro, as histórias de Trancoso. Eram fáceis O que me obrigavam a decorar parecia-me insensato. Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas (2008, pp. 90-91).

16. O menino fica assustado com a impaciência do pai. Que situação nova é responsável por esse temor?

- L. E.: O pai passava as lições rapidamente ("atirava rápido meia dúzia de letras") e deixava-o sozinho na realização das tarefas. A nova situação atemorizante é que, quando retornava à tarde para a correção, o pai trazia um "côvado".
- L. C.: Perguntar aos alunos se sabem o que é um côvado. E deixar que digam o que imaginaram pela descrição do menino.

17. Vocês compreenderam o que é um côvado através da descrição do menino? Vamos reler o trecho: "Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos" (2008, p. 91). Já tinham ouvido falar desse objeto de tortura? (*Mostrar o objeto aos alunos comentando que é sinônimo de "palmatória", utilizado por professores nas escolas para castigar os alunos quando cometiam alguma falta*).

- L. C.: O côvado é descrito no texto como "um objeto de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos". Como a maioria seguramente não deve conhecer, o professor deve mostrar aos alunos esse objeto através das imagens do link e perguntar-lhes que utilidade imaginam ser a desse objeto. Na turma em que apliquei o roteiro, todos perceberam que era um objeto usado para castigar e alguns chegaram a mencionar seu nome mais usual, palmatória, dizendo que a mãe ou a avó já tinham "apanhado nas mãos" com ele. Perguntei-lhes se a descrição do menino era fiel à imagem, ao que confirmaram. Tentei mostrar-lhes que, ao descrever objetos e lugares e pessoas, podemos levar o leitor a imaginá-los, a visualizá-los. Sobre esse aspecto, vale registrar o comentário de um aluno: "Vai passando um filme na cabeça enquanto a gente vai lendo, né, professora?". Considero essa ligação relevante já que, na vivência deles, as imagens fílmicas estão mais presentes que os livros. Através dessa descrição do côvado, para o entendimento do conto, podemos mostrar a importância desse recurso, já que o objeto era uma surpresa também para o menino.
- L. I.: -

18. O desastre que antes era um pressentimento se concretiza?

- L. E.: Sim, de fato o menino estava certo em seu temor, e o pai começa a castigá-lo com o côvado quando errava as lições. Isso não é dito explicitamente, mas inferido por nós leitores quando ele diz que a mãe e a irmã precisaram intervir afastando o menino da loja e das "tempestuosas" lições do pai.
- L. C.: O professor pode, nesse ponto, indagar aos alunos se uma educação baseada no terror, no castigo, na violência consegue um bom resultado, ao que todos responderam não ser bom aprender com castigos. Alguns confirmaram já terem sido castigados pelos professores na escola. Um, inclusive, relatou que sempre apanhava da professora com uma "régua de madeira na cabeça", e uma vez a régua quebrou. Outros confessaram terem recebido apertões nos braços da professora, que sempre dava muitos gritos e impunha castigos (copiar 100 vezes "não devo...", ficar sem o recreio, fazer cópias de textos, escreverem redações, ficar em pé virado para a parede, etc.) Alguns alunos relataram serem espancados "por qualquer coisa" em casa, sobretudo quando não iam bem na escola. Um aluno disse "se ligarem da escola dizendo que eu aprontei aqui o couro come". Ao serem indagados se alguém os defendia desses espancamentos, conforme fez a mãe e a irmã do menino, só uma aluna disse que protege a irmã quando a mãe ameaça bater nela; já os demais não citaram protetores. A maioria dos alunos relatou que, quando eram pequenos, apanhavam calados, mas que, hoje, correm. Perguntei-lhes se achavam que o menino conseguiria aprender desse modo, e todos concordaram que seria mais difícil.

19. Aterrorizado com o castigo, o menino via o aprendizado como um verdadeiro desastre: a lição era "tempestuosa", ao ver o côvado, ele só conseguia se calar e nesse estado de pavor as aulas eram improdutivas. O que o menino fazia com os folhetos que recebia? Qual era a intenção do menino ao destruir os folhetos? Ele obtinha o resultado esperado?

- L. E.: Espera-se que os alunos percebam que, antevendo os castigos, as mãos do menino suavam e, nervoso, ele acabava apertando e esfarelando os folhetos. Ele imaginava que, desse modo, acabaria o suplício da tarefa, mas logo recebia um novo folheto e tudo recomeçava.

20. Ainda que a lembrança do côvado atormentasse o menino, quando ele ficava sozinho, sentia-se sonolento e cochilava. Por que vocês acham que isso acontecia?

- L. E.: Porque ele não via sentido na tarefa que realizava, não desejava aprender a ler e escrever, estava ali obrigado, coagido. Até entendia as histórias contadas pela irmã, mas não via sentido na tarefa que o obrigavam a realizar, e isso lhe dava sono, e o tédio entorpecia-lhe os sentidos.

21. Mas, afinal, o que ele conseguiu aprender?

- L. E.: Finalmente ele conseguiu familiarizar-se com as letras, reconhece-las.

22. O que ele aprendeu foi suficiente? Vocês pensam que, depois dessa conquista, o "problema" do menino se resolveu?

- L. E.: Pessoal. Espera-se que eles percebam que apenas "familiarizar-se" com as letras não seja um conhecimento suficiente para ler e escrever com autonomia. Havia muito ainda a aprender.

Trecho V

Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes das primeiras e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de quiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituassem às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutecesse. Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno. Resignei-me – e venci as malvadas. Duas, porém, se defenderam: as miseráveis dentais que ainda hoje me causam dissabores quando escrevo. Sozinho não me embaraçava, mas na presença de meu pai emudecia. Ele endureceu algumas semanas, antes de concluir que não valia a pena tentar esclarecer-me. Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos. Livrara-me do aperto crismando as consoantes difíceis: o T era um boi, o D uma peruinha. Meu pai rira da inovação, mas retomara depressa a exigência e a gravidade. Impossível contentá-lo. E o côvado me batia nas mãos. Ao avizinhar-me dos pontos perigosos, tinha o coração desarranjado num desmaio, a garganta seca, a vista escura, e no burburinho que me enchia os ouvidos a reclamação áspera avultava. Se as duas letras estivessem juntas, o martírio se reduziria, pois, libertando-me da primeira, a segunda acudia facilmente. Distanciavam-se, com certeza havia na colocação um desígnio perverso – e os meus tormentos se duplicavam (2008, pp. 91-92).

23. E então, o aprendizado havia terminado? Como esse processo continua?

- L. E.: O aprendizado não havia terminado e apresentaram ao menino 25 novas letras com novo formato e logo depois veio o terceiro alfabeto, o quarto (ele se refere às diferenças de formato entre letras palito, cursiva e de imprensa e também às distinções entre letras minúsculas e maiúsculas). Mais uma vez, por não ver sentido no que estava aprendendo, o menino se confundia e, antevendo os castigos, atordoava-se, sentia preguiça, desespero, vontade de se acabar.

24. O menino conta que lhe apresentaram "quatro sinais com uma só denominação". Que sinais, afinal, eram esses? Por que eram de quatro tipos?

- L. E.: Os sinais eram as letras maiúsculas e minúsculas: palito e cursiva.
- L. C.: Se o professor julgar importante para a turma em que estiver trabalhando, será interessante mostrar no quadro as letras aprendidas durante o processo de alfabetização. Na minha turma, coloquei no quadro as letras palito e cursiva, minúsculas e maiúsculas. Mostrei-lhes ainda as letras de imprensa usadas em livros, jornais e revistas. Na minha turma, a maioria não tinha compreendido porque as letras ensinadas ao menino multiplicavam-se.

Importante ver as especificidades da turma.

- L. I.: -

25. Nesse trecho, podemos perceber que aprender, pela descrição do menino, era uma verdadeira luta. Embora ele afirme ter vencido parte da batalha, que outro ponto parecia difícil de vencer?

- L. E.: As linguodentais /t/ e /d/. O pai havia endurecido ainda mais e, quando o menino era chamado até a sala para repassar as lições, a confusão que fazia com essas duas letras era motivo para ser castigado com a palmatória.
- L. C.: O professor deve estimular os alunos a pronunciarem os fonemas /t/ e /d/ para que percebam os pontos de articulação dessas consoantes (a língua nos dentes), donde advém a classificação de linguodentais. O professor deve indagar-lhes por que, apesar de ambas terem o mesmo ponto de articulação, são diferentes ao serem pronunciadas, deixando que aventem hipóteses. Inicialmente tímidos, os alunos vão soltando-se se o professor for mostrando-lhes a pronúncia, insistindo para que todos tentem articular o som, pronunciando alternadamente /t/, /d/, /t/, /d/, com a mão na garganta para perceberem o ar passando mais livremente ou vibrando: /t/ (surda) e /d/ (sonora). É importante que eles percebam, sem necessidade de explicar essas nomenclaturas, o quanto os dois fonemas são próximos e o porquê da dificuldade do menino ao pronunciá-los.

26. O menino afirma que, sozinho, já não se embaraçava tanto. Por que então o desespero dele não havia terminado?

- L. E.: Porque o pai continuava a cobrar e repassar as lições todas as tardes, castigando-o com o côvado quando errava.

27. Diante do "aperto" com os fonemas /t/ e /d/, o menino buscava soluções divertidas e criativas para lidar com sua dificuldade: "o T era um boi e o D uma peruinha" (2008, p. 92). Essas soluções do menino contentavam o pai? Ajudavam a abreviar o suplício do menino?

- L. E.: O pai até se divertiu inicialmente, mas logo voltou à seriedade e exigência costumeiras. Nas palavras do menino, "impossível contentá-lo". O suplício continuava com o pai batendo nas mãos do menino com a palmatória a cada erro cometido.

28. A tortura sofrida por ele atingia alguns dos seus sentidos. Vamos buscar no texto palavras ou expressões que descrevam seu martírio e que estejam ligadas à audição, à visão, ao tato e ao paladar.

- L. E.: Quando aparecia na leitura alguma palavra com T ou D, suas maiores dificuldades, o menino ficava com o coração acelerado e quase desmaiava. Alguns sentidos ficavam

prejudicados: paladar: “a garganta seca”; visão: “a vista escura”; audição: “um burburinho enchia-lhe os ouvidos”.

- L. C.: Uma boa estratégia é pedir aos alunos que imaginem cada uma das sensações físicas sentidas pelo menino diante do pavor de pensar que, a todo e qualquer erro, teria as mãos novamente espancadas. Reler pausadamente o trecho: “Ao avizinhar-me dos pontos perigosos, tinha o coração desarranjado num desmaio, a garganta seca, a vista escura, e no burburinho que me enchia os ouvidos a reclamação áspera avultava” (2008, p. 92). Vocês já se sentiram assim diante de um castigo iminente? Os alunos relatam que ficam assim quando os pais ficam bravos e muitos falaram sentir esse pavor ao passar perto de desafetos de outros bairros ou quando ficam “jurados” por outro grupo. Alguns disseram se sentir assim quando tinham que ir para a antiga escola. Uma aluna tinha desistido de estudar porque sofria *bullying* na escola antiga por ser gorda. Devem-se explorar essas sensações e pedir que eles tentem imaginar o quanto era difícil para o menino vencer as dificuldades de leitura sentindo todo esse pavor.

29. O menino afirma que as duas letras que geravam dúvidas apareciam sempre distanciadas, o que para ele representava uma dificuldade a mais e atribui essa escolha das palavras a uma atitude perversa do pai dizendo que seus tormentos duplicavam. Quais são, então, os dois tormentos por que passa o menino?

- L. E.: O tormento de distinguir as duas letras “t” e “d”, ou seja, a natural dificuldade de quem está aprendendo a ler e os tormentos emocionais e físicos causados pelos golpes com a palmatória desferidos pelo pai nas suas mãos.

Trecho VI

As pobres mãos inchavam, as palmas vermelhas, arroxeadas, os dedos grossos mal se movendo. Latejavam, como se funcionassem relógios dentro delas. Era preciso erguê-las. Finda a tortura, sentava-me num banco da sala de jantar, estirava os braços em cima da mesa, procurando esquecer as palpitações dolorosas. Os sapos cantavam no açude da Penha; o descaroçador rangia no Cavalo-Morto; D. Conceição, além do beco, se esganiçava chamando as filhas. Estavam ali perto, no alpendre e no corredor, brincando com minhas irmãs, e eu não as enxergava. Os meus olhos molhados percebiam a custo o portão do quintal. As mãos descansavam na tábua, imóveis. Julgo que estive meio louco. E amparei-me ansioso às figurinhas de sonho que me atenuavam a solidão.

O mundo feito caixa de brinquedos, os homens reduzidos ao tamanho de um polegar de criança. Muitas infelicidades me haviam perseguido. Mas vinham de chofre, dissipavam-se. Às vezes se multiplicavam. Depois, longos períodos de repouso. Em momentos de otimismo supus que estivessem definitivamente acabadas. Agora não alcançava esse engano. As três manchas verticais, úmidas de lágrimas, estiravam-se junto à mão doída, as letras renitentes iriam afligir-me dia e noite, sempre. As réstias que passeavam no tijolo e subiam a parede marcavam a aproximação do suplício. Dentro de algumas horas, de alguns minutos, a cena terrível se reproduziria: berros, cólera imensa a envolver-me, aniquilar-me, destruir os últimos vestígios de consciência, e o pedaço de madeira a martelar a carne machucada (2008, pp. 92-93).

30. Vimos nesse trecho que a tortura era constante, e o côvado dilacerava as mãos do menino. Quem deixava suas mãos daquele jeito?

- L. E.: Era o pai quem batia com o côvado nas mãos do menino quando este errava alguma palavra na leitura.

31. O menino afirma que, tão logo se recuperava da dor, a "ensinança" continuava com nova tortura que o menino chama de "cena terrível". Como ele resume esses momentos de terror?

- L. E.: As mãos espancadas ficavam em situação lastimável e, nas palavras do menino, "inchavam, as palmas vermelhas, arroxeadas, os dedos grossos mal se movendo", e ficavam latejando "como se funcionassem relógios dentro delas" (2008, p. 93). Nesses momentos, com as mãos estiradas na mesa da sala de jantar, entorpecido por profunda tristeza, o menino pensava que estava enlouquecendo já que, para atenuar a solidão que sentia, buscava se refugiar nos sonhos, imaginando um mundo diferente.
- L. C.: Esse trecho é bastante rico com a descrição contundente de como as mãos do menino ficavam em estado lastimável depois dos golpes do pai com o côvado. Reler para os alunos os trechos pausadamente e pedir que imaginem a cena: "Finda a tortura, sentava-me num banco da sala de jantar, estirava os braços em cima da mesa, procurando esquecer as palpitações dolorosas". Nessa condição, o menino poderia perceber as alegrias do mundo ou o que acontecia a sua volta? A partir desse fragmento, deve-se deixar que pensem e, se algum aluno quiser, abrir para comentários. Convidá-los a outra releitura: Vamos reler e tentar construir mentalmente a cena, percebendo como o menino sentia as coisas ao seu redor depois de ser tão dolorosamente castigado: "Os sapos cantavam no açude da Penha; o descaroçador rangia no Cavalo-Morto; D. Conceição, além do beco, se esganiçava chamando as filhas. Estavam ali perto, no alpendre e no corredor, brincando com minhas irmãs, e eu não as enxergava. Os meus olhos molhados percebiam a custo o portão do quintal. As mãos descansavam na tábua, imóveis" (2008, p. 92).

Trecho VII

Afinal meu pai desesperou de instruir-me, revelou tristeza por haver gerado um maluco e deixou-me. Respirei, meti-me na soletração, guiado por Mocinha. E as duas letras amansaram. Gaguejei sílabas um mês. No fim da carta elas se reuniam, formavam sentenças graves, arrevesadas, que me atordoavam. Certamente meu pai usara um horrível embuste naquela maldita manhã, inculcando-me a excelência do papel impresso. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: "A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém".

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.

– Mocinha, quem é o Terteão?

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse "Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém".

– Mocinha, que quer dizer isso? Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções (2008, p. 93).

32. O pai percebe a crueldade do método de ensino que estava usando? Ele continua a insistir na ideia de ensinar ao menino com esse método?

- L. E.: O pai se desespera por não ter conseguido e desiste de ensinar-lhe, mas não percebe a crueldade do método utilizado, atribuindo ao menino toda a culpa do fracasso, julgando ter gerado "um maluco".
- L. C.: Os alunos comentaram muito essa questão, demonstrando satisfação pelo fato de o pai ter desistido de ensinar ao filho porque viram nessa desistência a libertação do menino, afinal este tinha aguentado os castigos e "vencido". Reconsiderei com eles o que seria essa "vitória", já que ele não tinha aprendido a ler ainda; muitos retrucaram que tanto faz se não tinha aprendido, o importante era ter-se livrado daquela situação; alguns ponderaram que, sem violência, o menino aprenderia.

33. Quem assume a tarefa de ensinar ao menino? A tarefa sofreu alguma modificação com essa troca?

- L. E.: Mocinha, a irmã mais velha, assume a tarefa de ensinar-lhe e cessam as torturas. O

menino afirma que assim pode “respirar” e “as duas letras amansaram”. O atordoamento passou a ser o aprendizado específico da leitura, a soletração das sílabas, mas não mais da tortura física.

- L. C.: Os alunos também sentem o mesmo que o menino: estudar é penoso; mas, a partir de então, o menino não podia reclamar porque ao menos não apanhava mais.

34. Enfim, o menino se sente enganado a respeito da promessa inicial feita pelo pai de que ele havia de compreender a excelência do papel impresso. O que ele aprendeu de fato? Ele aprendeu a dar sentido ao que lê?

- L. E.: Depois de tanto sacrifício, o menino tinha aprendido as letras e as sílabas e começava a ler as primeiras palavras, contudo ainda não tinha fluência na leitura e não conseguia dar sentido ao que lia.
- L. C.: No quadro, explicar aos alunos a estrutura do texto em que aparece a mesóclise que não é compreendida pelo menino, nem tampouco por Mocinha e que é responsável pelo tom irônico do desfecho. Comentar que nem mesmo a irmã, que lhe ensinava naquele momento, compreendia efetivamente aquilo que lia: “A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: **ter-te-ão** por alguém”. Um modo eficaz com meus alunos foi explicar o sentido da frase e desfazer a mesóclise: “te terão por alguém” (2008, p. 93).

35. Esses foram os primeiros contatos do menino com a leitura. Vocês acham que quem aprende a ler desse modo vai desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita?

- L. C.: Em geral, os alunos dizem que “não” porque, sendo as primeiras experiências com a leitura tão traumatizantes, como ocorreu com o menino Graciliano, com torturas físicas e emocionais, a leitura torna-se um trauma e não um prazer. Apesar disso, alguns consideraram que, sem dúvidas, o ser humano é capaz de superar situações traumáticas. Aproveitando-se dessa consideração, vale explorar com os alunos essas possibilidades, perguntando-lhes sobre outras situações traumáticas que já tenham vivido ou da qual tenham tido conhecimento e que foram superadas.

36. Falar sobre Graciliano Ramos, autor e personagem do conto “Leitura”, mostrando que, a despeito das dificuldades relatadas, ele se tornou um grande escritor. Por que vocês acham que ele escreveu esse conto?

- L. E.: Deixar que os alunos expressem suas hipóteses livremente.
- L. C.: O texto memorialístico, autobiográfico, é uma forma de encontrar, “no presente”, aquilo que nós fomos, mas com novos significados; pode ajudar-nos a superar os traumas vividos, sob nova ótica; revisitar o passado ajuda-nos a entender quem somos e quem é o outro, ajuda-nos a entender as relações entre as pessoas e destas no mundo em que vivem.
- L. I.: -